

TARCISIO HOLANDA

* 5 ABR 1989

Drenagem de riquezas

Dívida Externa
CORREIO BRAZILIENSE

Segundo surpreendente revelação do Presidente da República, o Governo brasileiro pagou aos seus credores externos a bagatela de 86 bilhões de dólares durante os últimos quatro anos, ou seja, entre 1985 e 1988. Se somarmos, além de juros, a conta serviços (seguros, transportes, viagens internacionais, royalties etc.), o total vai ascender a 101,5 bilhões de dólares, quase a dívida global estimada em 120 bilhões.

Uma importância suficiente para comprar muitos países, mostrando, ainda, temer razões de sobra aqueles que sustentam que os devedores do Terceiro Mundo já pagaram, algumas vezes, a dívida contraída junto aos ricos do Primeiro Mundo. Essa verdadeira sangria desatada é fator responsável pelo empobrecimento do País, funcionando como verdadeira tenaz em torno do pescoço de todos nós, brasileiros.

O pior de tudo é não haver no horizonte a esperança de uma solução definitiva para o problema do endividamento dos países em desenvolvimento, o que promete agravar sua situação até níveis insuportáveis. O Plano Brady, o programa elaborado pelo secretário do Tesouro norte-americano, constitui um avanço, na medida que encara a dívida como fato político, mas é insuficiente para lhe dar uma solução definitiva, pelo menos a curto prazo.

Convulsões sociais que se registraram na Venezuela, com saldo de centenas de mortos, poderão se repetir em diferentes países endividados, principalmente aqui na Amé-

rica Latina, ameaçando comprometer de forma definitiva o esforço pela democratização de várias nações. Os problemas sociais se agravam enquanto os ricos estudam mil fórmulas.

Pelos dados oficiais, o Brasil remeteu para os seus credores 18,2 bilhões de juros e amortizações em 1985; 20,8 bilhões de dólares, em 1986; 22,3 bilhões de dólares em 1987; 24,7 bilhões de dólares em 1988. Essas remessas representam verdadeira drenagem da poupança interna, transformando o Brasil e outros países pobres em exportadores de capitais líquidos para as economias centrais.

No caso brasileiro, a situação se agrava por uma dívida interna que cresce como bola de neve e uma inflação que se revela indomável. Agrava mais ainda a crítica situação a ausência de certa homogeneidade de pontos de vista de nossa elite política em relação ao que deva ser feito para superar os pontos de estrangulamento, preparando a Nação para nova arrancada em busca do desenvolvimento econômico.

Alguns economistas julgam que o problema brasileiro não se acha centrado na dívida externa. Para o ex-ministro Delfim Netto, por exemplo, o problema reside numa opção política. Crescer economicamente é a receita do deputado paulista para a crise nacional mas a verdade é que os próprios países credores começam a ver que a dívida é impagável, nos termos em que se acha colocada.